

Taylor admitiu com um sorriso amargo que sua mente acelerada e cheia de pensamentos dispersos era como um jogador de xadrez que vislumbra a derrota antes mesmo de fazer seu movimento. Era um defeito, mas ele sabia que isso fazia parte de quem era. Porém, um oficial do Império já havia levantado uma teoria interessante: — Se alguém vive sempre à beira do desespero, quando a verdadeira ruína chegar, essa pessoa reagirá com mais calma do que os outros. E ele estava certo. Naquela situação desesperadora, o melhor atirador não era um Astartes, nem um Ratling, mas sim alguém acostumado ao medo e à tensão. Domínio das emoções? Longe disso. Na verdade, eram as emoções que o dominavam. Mas talvez, apenas talvez, a vitória estivesse justamente nisso? O raio laser atravessou obstáculos — a lâmina de uma besta enfurecida, o corpo trêmulo do inimigo. O calor vermelho atingiu o alvo: o cabo da faca Catachana. A lâmina, impulsionada pelo impacto, cravou-se no sistema nervoso central do tirânico. O corpo colossal desabou. O campo de batalha mergulhou em silêncio... até ser quebrado por gritos de vitória. Gritos triunfantes em meio ao caos. O júbilo de uma vitória impossível. E o milagre concedido pelo Imperador... Taylor foi erguido pelos Astartes do Esquadrão Tubarão-Come-Homens enquanto o chefe Ork berrava orgulhoso: — MEU BOSS É O MAIS FODA! A horda de tirânidos, agora desgobernada sem seu nó central, desmoronou em desordem. E assim, após tanto sangue e sacrifício, os raios de sol rasgaram as nuvens cinzentas como holofotes iluminando o campo de batalha. O trem de guerra do Império entrou em ação, seus canhões rugindo, acelerando a derrota dos invasores. Taylor mal conseguiu segurar sua arma, tremendo. — Me... Me baixem devagar... minhas pernas não obedecem... Dias depois, ele estava sentado numa trincheira, afiando meticulosamente uma nova arma com um esmeril. Desta vez, ajustara o comprimento da lâmina para melhor desempenho. Com a ajuda de um Mecânico Ork, ele adicionara um mecanismo similar ao de uma espada-corrente — a lâmina do tirânico morto era mais resistente que o normal, capaz de cortar placas de metal de 10mm e perfurar blindagens de até 30mm. O preço? Suas fiéis companheiras, a faca Catachana e a espada de Lichtar, haviam se aposentado para sempre. Taylor sentiu uma pontada de tristeza — ele era apegado às coisas antigas, talvez por sua infância pobre nas espirais urbanas ou pelas ruínas e fábricas abandonadas que marcaram sua vida anterior. Por isso, transformou os cabos das velhas armas no punho de sua nova espada-corrente. O acabamento lembrava uma elegante empunhadura de nobre, com madeira vermelha e um brasão prateado gravado. Mas na verdade, era apenas o cabo da Catachana queimado pelo laser — as marcas acidentais criavam um padrão estranhamente bonito e perturbador. Agora, ele finalmente tinha tempo para aprimorar seu equipamento, já que os tirânidos estavam recuando. Parte do mérito era dele, por eliminar os corpos reservas do tirânico dominante. A outra parte era do velho Fabius Bile — o "Médico" desenvolveu uma toxina específica para essa colmeia, dispersada por chuvas tóxicas que limpavam a atmosfera do planeta dos invasores. O pagamento? Os cadáveres do tirânico e de uma escavadeira biológica. Um acordo vantajoso para o Império, embora alguns Magos Biológicos e membros da Inquisição tenham resmungado... até lembrarem que o comandante da Primeira Legião de Redenção de Scadia era um Lorde Mercador com influência e que outro Inquisidor estava envolvido. Claro, os Filhos do Imperador logo exigiram o controle do planeta — era previsível. Mas subestimaram a determinação do Império em mantê-lo. Além disso, sua fortaleza estava arruinada pela horda, enquanto as forças imperiais ainda tinham recursos. Os hereges tiveram que partir. A guerra seria intensa, mas Taylor conseguiu convencer seu velho "amigo" a recuar... Mesmo assim, as tropas imperiais estavam exaustas, precisando de reforços antes de avançar. Apesar disso, Taylor foi condecorado pelo Departamento Munitorum com duas Estrelas de Terra e o Distintivo de Comando Rubro. Sua equipe ganhou armaduras Carapace novas e dois Hellguns fabricados em Marte. Os Tubarão-Come-Homens quase babaram de inveja, mas, como Astartes nômades, tinham missões nas fronteiras do Império. Antes de partir, presentearam Taylor com uma espada de poder — pequena demais para um Astartes, mas perfeita para um humano. A lâmina prateada com cabo escuro acabou nas mãos do Sr. Roland, agora um dos combatentes principais ao lado de Taylor. Ele ganhou uma armadura de poder... mas o Hellgun e a segunda armadura foram para outro destinatário. Capítulo 142 - Uma Vida de Campo? Seguindo a regra de aproveitar tudo ao máximo, uma pistola infernal e uma armadura de combate se tornaram

as armas da Senhora Kati, enquanto a outra arma foi entregue ao terceiro melhor atirador do pelotão — o segundo era Taylor. Agora, a divisão dos "tesouros" estava concluída. O 15º Pelotão havia trocado armas velhas por novas, melhorando tanto o poder de fogo quanto a capacidade de sobrevivência. Tudo isso graças à interferência da Senhora Mercadora, que, no final, chamou Taylor para uma conversa. Depois de algumas palavras ambíguas, ela pediu que ele ficasse neste mundo por um tempo. A razão era simples: as forças de defesa locais estavam praticamente dizimadas, e o exército dela precisava de reforços. No momento, apenas o Primeiro Regimento da Redenção de Scadi ainda tinha condições de combate. Os orks Machado Sangrento já tinham cumprido seu contrato, e o Grande Chefe Goff partiu para outros sistemas em busca de um Waaagh! que superasse o de Taylor. — Eu vou me tornar um verdadeiro Boss Waaagh! — ele disse, como um protagonista de anime shonen, antes de ir embora. Para ser sincero, Taylor até sentiu um pouco de falta dele. Claro, ficar por aqui não era ruim. Afinal, agora tudo era pago com verba oficial, sob o nome da Dinastia Mercante. Era uma maravilha, ainda mais porque não afrontava o Departamento Militar nem o Tribunal da Inquisição — Taylor quase soltou um sorriso de felicidade. Logo, ele construiu uma cabana simples com lonas e tábuas no acampamento e trouxe vários equipamentos da Frankstein para dentro. A terra aqui era fértil, perfeita para plantar. O armazém estava abarrotado de sementes, e carne, ovos e leite pareciam infinitos. Comparado aos soldados comuns da Guarda Imperial, Taylor e seu pelotão eram tratados quase como nobres. Enquanto isso, o velho Taikess começou a pensar em como melhorar as defesas. O ataque dos insetos havia exposto várias falhas no acampamento, e o incidente com a Fortaleza Trem de Guerra deixou muitos oficiais furiosos. Mas para Taylor, uma nova vida havia começado. Plantar, relaxar e comer bem... Uma vida idílica? Este mundo agrícola era o coração do setor estelar, com incontáveis naves entrando e saindo. Depois da guerra cruel contra os insetos, sua economia já se recuperava rapidamente, recuperando sua produção normal — e, com isso, a possibilidade de novos conflitos. O Imperador é misericordioso e não suporta tanta crueldade. Por isso, sobre o porto espacial, uma nave de guerra amarela pousou em silêncio. Era uma cruzadora imperial. Onde quer que servisse, os Marines Espaciais a chamavam de "Kkruul", que, em Baixo Gótico, significava algo como... "Coragem". Mas o que a tornava única não eram seus inúmeros canhões ou seus vastos portos de lançamento, projetados para o combate dos Astartes. Era o símbolo no topo da nave dourada — um punho de ferro, representando sua filiação a um dos primeiros capítulos da história do Império. Quando um homem de cabelos brancos, cortados à militar, e rosto quadrado desceu da nave, sua armadura amarela já dizia tudo sobre quem ele era. Havia algo inexplicavelmente similar a seu pai genético — aquele que ele nunca conheceu: a seriedade, a aparência e a habilidade para fortificações e engenharia. Ele era o 7º Capitão dos Punhos do Imperador, um homem de incorruptível lealdade. Um comissário idoso se aproximou. — Senhor, qual é a sua missão? Ele era Taikess, um homem leal, mas o guerreiro o ignorou, seus olhos fixos no solo fértil e vasto deste mundo. Sua voz grave e densa ecoou: — Estou aqui por apenas um motivo. — Vou tornar este lugar mais duro que o aço. Do outro lado, em meio a campos sem fim, pequenas figuras se moviam sob o sol. Os raios da estrela local batiam no solo, aquecendo sem exageros. Na terra rica em nutrientes, as plantações cresciam visivelmente a cada dia. Diante de tanta abundância, uma pergunta surgiu na mente do jovem: Como deveria ser a vida? Taylor refletiu sobre isso enquanto colocava um chapéu de palha para se proteger do sol. Com cuidado, ele verificou os frutos que começavam a brotar. Havia pequenos tomates, batatas, folhas verdes... embora ele ainda não entendesse por que as batatas cresciam em ramas. Depois de um tempo, ele simplesmente parou de questionar. Dois meses atrás, ele ainda ficava intrigado com aquelas batatas suspensas. Mas quando viu as sementes agrícolas do Império — todas idênticas, produtos de engenharia genética —, ele entendeu. "É tudo tecnologia pesada, hein..." Mas, comparado às latas do Departamento Munitorum ou aos "blocos de amido cadavérico", essa comida fresca era um verdadeiro luxo. Tomates com açúcar, bacon de grox com batatas assadas na manteiga... a vida estava tão boa que era fácil esquecer que ainda viviam em uma era sombria, brutal e sem misericórdia. A plantação não era grande. O espaço no acampamento era limitado, e o 15º Pelotão ainda tinha deveres militares a cumprir. Mesmo assim, esses dois meses de paz pareciam um sonho.

Taylor agora fazia artesanato para vender aos moradores das cidades próximas ou mesmo dentro do próprio pelotão. Com isso, conseguiu juntar uma pequena fortuna em Thrones, e até alguns nobres locais começaram a se interessar por suas peças. Claro, não dava para saber se era pelo artesanato ou pela fama de "herói do Império" que ele carregava. Agora, Taylor passava os dias de chapéu de palha, com sua motosserra artesanal — feita a partir dos restos do Senhor dos Insetos —, vivendo o que sempre quisera: uma aposentadoria tranquila. Mas o universo seguia em movimento. Pelas conversas que ouvira por acaso, o Setor Cadia estava se preparando para a guerra. As forças do Caos se aproximavam, com os Custódios da Morte e seu líder, Tífon, espalhando a Praga dos Descrentes. Mas isso era problema dos grandes. Taylor só queria mesmo era aproveitar o jantar. Quando o longo dia de trabalho finalmente chegou ao fim, ele entrou na cabana simples que construía com suas próprias mãos - pedras, madeira e muito suor. Depois de lavar o rosto com água quente, seu olhar encontrou o jantar já preparado. Os dez homens da 15ª Companhia estavam reunidos como uma grande família ao redor da mesa comprida. Em cada prato, batatas quentinhas com manteiga e pedaços generosos de bacon. No centro, uma panela fumegante de sopa que todos podiam se servir à vontade. — Chefe, vem comer antes que esfrie! — alguém chamou enquanto abanavam o aroma delicioso. Para aqueles soldados cansados, esse momento simples era felicidade pura: descansar na terra que protegiam, como raízes fincadas no solo, trazendo uma paz que nenhum outro lugar poderia oferecer.

<http://portnovel.com/book/29/5045>